

## PARA QUE LITERATURA?

## WHAT LITERATURE FOR?

Eduardo Rascov

Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP e em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Mestrando na Linha em Cultura e Comunicação pelo Programa em Integração da América Latina – PROLAM/USP

[eduardorascov@memorial.org.br](mailto:eduardorascov@memorial.org.br)

99

---

**Resumo:** Este artigo discute o campo específico da literatura, o que torna essa expressão artística – a literatura - irreduzível a qualquer outra linguagem humana. A importância de se estabelecer o que é próprio da literatura vem do fato da tecnologia de comunicação atual ter o potencial de implodir o formato do livro tradicional. Ao mesmo tempo, experimenta-se uma diminuição da leitura, fenômeno este que – para além de ser um problema da recepção estética - relaciona-se com a atual crise civilizatória. O texto apresenta a obra ficcional do escritor cubano Edmond Desnoes, traduzida para o português e lançada pelo Memorial da América Latina. Ela é um exemplo de quão irreduzível, exclusiva e transcendente pode ser a literatura, pois só ela capta como ninguém um mundo em transformação pós-revolucionário. Por fim, o artigo aborda um romance brasileiro – *O Invasor*, de Marçal Aquino – que prefigura os dias de hoje. Apoiado em considerações de Luigi Parreyson, Alfredo Bosi e Ernesto Sábató, o texto discute o ser da literatura para destacar em seguida, conforme apontado por Antonio Candido, a sua potência humanizadora nestes tempos sombrios.

**Palavras-chave:** Literatura; Arte; Comunicação.

**Abstract:** Why people doesn't read anymore? This article is about the specific of literature, which makes it irreducible to any other human language. The text presents the fictional work of Cuban writer Edmond Desnoes, translated into Portuguese and released by Memorial da América Latina. It is an example of how irreducible, exclusive and transcendent literature can be. Finally, the article deals with a Brazilian novel – *O Invasor*, by Marçal Aquino – that prefigures the present day. Based on considerations by Luigi Parreyson, Alfredo Bosi, Ernesto Sábató and Antonio Candido, the text discusses the being of literature and its humanizing power.

**Keywords:** Literature; Art; Communication.

---

## Building the way

### Introdução

100

Estas considerações me vieram à mente pela primeira vez em 2020, quando escrevi para o site do Memorial da América Latina uma apresentação da revista Nossa América<sup>1</sup>. O Conselho Editorial havia decidido homenagear três escritores latino-americanos cujo centenário de nascimento era comemorado naquele ano - Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Mario Benedetti. Sob o título “O que seria de nós sem a literatura”, o texto começava com as palavras: “A edição 56 da revista Nossa América é dedicada à literatura naquilo que ela tem de *irredutível, exclusiva e transcendente*”<sup>2</sup>.

Tais características – irredutibilidade, exclusividade e transcendência - atribuídas à literatura eram o que mais me interessava pensar. Tentei relacionar os diferentes suportes e tecnologias de cada período histórico, associados ao desenvolvimento da palavra escrita, à sobrevivência e renovação da literatura. Publico aqui as considerações iniciais, que não foram publicadas pelo site do Memorial, pois ajudam a situar a literatura atualmente:

Dá para imaginar a reviravolta que a invenção da escrita provocou no ambiente cultural de seis mil anos atrás, dominado que era por vates, bardos, profetas, pajés e sacerdotes. A literatura oral era uma tradição consolidada, com um *corpus* rico e diversificado. Mesmo assim, se tornou irresistível registrar o conhecimento e a arte em um objeto material. Essa novidade se impôs ao redor do mundo: uma cultura após a outra desenvolveu diferentes suportes, habilmente manipulados por técnicos especializados, tais como a cunha ou tablete de argila, o papiro, o pergaminho, o rolo, o códice, o papel. Até que no século XV, inventou-se a imprensa por tipos móveis e surgiu os livros tal qual conhecemos hoje. Como desdobramento inevitável, escribas, copistas e iluminadores (artistas que faziam as iluminuras) deixaram de ter função e desapareceram. Atualmente, ocorre outra revolução tecnológica, que coloca novamente o formato tradicional - o livro em papel - na berlinda. O hipertexto infinito da internet, o website, o blog, o aplicativo, o livro eletrônico lido no celular, o leitor-autor nas diferentes plataformas digitais, as micro-narrativas audiovisuais das

---

<sup>1</sup> A revista Nossa América n. 56 em pdf pode ser baixada no site do Memorial <https://memorial.org.br/memorial-da-america-latina-lanca-56a-edicao-da-revista-nossa-america-dia-8-de-setembro/> (consultado em 10 de fevereiro de 2021). As edições anteriores podem ser acessadas pelo catálogo on-line da biblioteca do Memorial (<https://biblioteca.sophia.com.br/6350/>).

<sup>2</sup> RASCOV, Eduardo. **O que seria de nós sem a literatura**. Site do Memorial da América Latina. <https://memorial.org.br/que-seria-de-nos-sem-a-literatura/> Acessado em 26 de janeiro de 2021.

## **Building the way**

redes sociais, os *games* que flertam com as narrativas - tudo isso questiona não apenas o suporte, mas também a forma e o teor das publicações. É como se a provocação de Jorge Luis Borges - “o leitor é mais importante do que o escritor” - triunfasse. Sim, o exemplo histórico demonstra que às alterações técnicas correspondem mudanças no conteúdo e nos modos de narrar a experiência humana. No entanto, uma coisa não mudou e não mudará: a necessidade de contar histórias, reais ou imaginárias, e por meio delas lembrar a nós mesmos quem somos.<sup>3</sup>

101

Para pensar **o sentido da literatura hoje**, em meio à crise do circuito literário devido à revolução do suporte e à distribuição eletrônica, parto de dois romances escritos pelo cubano Edmundo Desnoes e publicados pelo Memorial da América Latina nos anos 2000. Utilizo-os porque são exemplos pulsantes de uma literatura que se desdobra e ganha sobrevida a partir do específico ficcional. A experiência da leitura de um bom romance é irredutível a qualquer outra linguagem artística. Não é redutível ao cinema, por exemplo, embora os dois romances tenham sido transformados em roteiros cinematográficos. É fato que as narrativas audiovisuais se impuseram, mas a literatura é exclusiva por vários motivos; por exemplo, nenhuma outra linguagem artística permite explorar os pensamentos mais íntimos da personagem, ao mesmo tempo em que conta uma história. A literatura também é transcendente porque vai muito além do personagem, da história, da geografia em que ela acontece e do tempo dos fatos. A narrativa ficcional escrita permite tocar o âmago do ser, para além do individual, indica e antecipa as tendências seculares e alimenta a humana sede de espiritualidade.

Um bom exemplo são os livros *Memórias do subdesenvolvimento* (1966) e *Agora é minha vez* (2009). Embora tenham um longo intervalo entre eles, ambos olham a experiência cubana de dentro e apresentam características semelhantes - como mostrarei mais adiante - aos comentários e críticas de João Felipe Gonçalves sobre o processo recente de mudança de Cuba e sobre o enterro de Fidel Castro.<sup>4</sup> No

---

<sup>3</sup> Este texto acabou indo parar num post do meu facebook, o que não deixa de ser sintomático <https://www.facebook.com/eduardo.rascov/> (acessado em 10 de fevereiro de 2021).

<sup>4</sup> João Felipe Gonçalves é professor do Departamento de Antropologia da FFLCH-USP, desenvolve pesquisa sobre a sociedade cubana e a sua diáspora. É autor, entre outros, do artigo *Martí versus Martí* (<http://www.scielo.br/pdf/nec/n102/1980-5403-nec-102-69.pdf>, consultado em 28.01.2021). Para a revista *Nossa América*, escreveu um artigo sobre a morte de Fidel Castro, que permanece inédito (não foi publicado por decisão alheia ao editor).

### **Building the way**

entanto, enquanto o texto de Gonçalves tenta nos convencer racionalmente, os romances nos pegam pela emoção sem negligenciar o intelectual.

Uma terceira obra que enfoco neste estudo é o romance brasileiro *O invasor*, de Marçal Aquino, que também foi adaptado ao cinema, dirigido por Beto Brant, com certo sucesso. Publicado em 2002, o livro anunciava com rara felicidade o que se tornou real dezesseis anos depois, com a chegada ao poder no Brasil da extrema direita e a implantação de uma implacável política de darwinismo social, na qual os velhos, os pobres, os doentes e os fracos sofrem ameaça impensável anos antes. Lendo a obra de Aquino se entende como a expansão do capitalismo nesta fase neoliberal necessariamente levaria à barbárie atual. É como se vivêssemos numa continuação barata do romance *O invasor*, dessas que pululam nas fanpages de filmes famosos, como *Harry Potter*.

Por meio de comentários sobre os três livros citados procuro entender o sentido de se cultivar a literatura neste mundo distópico. Para isso, dividi o texto em cinco partes. Após esta introdução, analisarei rapidamente a diluição provocada pelo atual clima de pós-verdade e de “fim do livro”; depois, proponho uma análise histórica dos três romances citados acima; e, logo em seguida, comento a recepção estética e a importância da leitura atenta; por fim, à guisa de conclusão, faço considerações acerca da sobrevivência do específico da literatura - irredutibilidade, exclusividade e transcendência - nos dias atuais. Neste percurso, recorro aos ensinamentos de Ernesto Sábató (sobre o ser do romancista), de Antonio Candido (sobre o “direito à literatura”) e de Alfredo Bosi (sobre a recepção estética).

### **Literatura versus pós-verdade**

“Se é verdade que a literatura é reflexo da sociedade, o avesso também é verdadeiro, a literatura é reflexão” (BOSI, 2013, p. 443). Pois vou resumir com uma pergunta singela a reflexão que me proponho a fazer a seguir: Para que literatura hoje? Ou, em mais palavras, para que serve a literatura neste tempo que nos coube viver, tempo este no qual micronarrativas ficcionais disfarçadas de realidade (pois são verossímeis) criam e recriam incessantemente um mundo virtual em que a “pós-verdade” é possível, provável e “provada”? Quem ainda escreve ficção de verdade (em oposição à realidade ficcional)? E, o que é mais grave, quem ainda lê ficção?

### Building the way

Edward W. Said inicia um artigo sobre *O papel público de escritores e intelectuais* com uma definição simples e direta: “O escritor é uma pessoa que produz literatura – isto é, um poeta, romancista ou dramaturgo. Acredito que, de modo geral, é verdadeiro que em todas as culturas os escritores tenham um lugar separado, talvez até mesmo mais honroso, do que os intelectuais” (SAID, 2003, p. 29). Baseado nisso, não erro ao afirmar que haverá literatura enquanto houver escritores. Afinal, o escritor escreve e ponto. Se alguém vai ler e qual o sentido das suas palavras, essas são ou deveriam ser questões secundárias para ele, escritor. No entanto, esta separação entre escritor e intelectual não é tão clara assim. Na prática, tanto o escritor, quanto o literato e o filósofo se preocupam com as questões abordadas neste ensaio, embora de formas e estilos diferentes.

Se essas características da literatura - irredutibilidade, exclusividade e transcendência – permanecem vivas atualmente, mesmo em face de novos suportes eletrônicos, é uma questão que ganhou um agravante nos últimos anos com as implicações da assim denominada “pós-verdade”. Um exemplo do que chamo por “pós-verdade” é aquele filminho, que todos recebemos pelo *whatsapp* no início da campanha de vacinação contra o novo coronavírus, que exibe uma velhinha sendo vacinada pelo sistema *drive-thru*. Um homem de uniforme branco aplica a injeção no braço da senhora sentada no banco de trás do carro. A cena é de um naturalismo amador, como essas gravadas pelo celular que encham as redes sociais. O que vemos? O enfermeiro enfia a agulha na pele e a retira rapidamente. Quando se olha a cena de perto, percebe-se que ele não puxa o êmbolo como devia e que talvez a seringa esteja vazia. O filminho veio com a rubrica “Encaminhada” e a seguinte mensagem (conservei a pontuação original): “Pessoal, muita atenção ao levar as pessoas para vacinar (três *emojis* desconfiados) conforme o vídeo, alguns profissionais da saúde, estão inserindo a agulha no braço dos idosos, mas não estão inserindo o líquido, com certeza, estas vacinas serão comercializadas, muita atenção (três *emojis* tristes)”. Como se não bastasse colocar em xeque a efetividade das vacinas, era preciso também questionar a lisura do processo de vacinação. Se até isso podia ser falsificado, tudo o mais pode ser mentira, ficção criada por um autor diabólico que nos quer enganar para nos levar a alma. Esta é a mensagem oculta deste vídeo. E qual é o resultado desta “pós-verdade”? A descrença em qualquer verdade, a desorientação pura que, sabemos, é a matéria bruta da manipulação.

### Building the way

O filósofo René Descartes escreveu no século XVII o *Discurso sobre o método*, seguido das *Regras para a direção do espírito*. No primeiro livro ele colocava em dúvida a realidade, assim como fazem os negacionistas e terraplanistas atuais. No caso de Descartes, era um recurso metodológico e não uma profissão de fé. Ele dizia: se não podemos confiar nos nossos sentidos, pois eles são facilmente equivocados, como saber onde está a verdade? Imagine, propõe, que um demiurgo maldoso queira nos enganar e confundir nossos sentidos. Como saber se o mundo e todas as coisas nele realmente existem e não são meras ilusões da nossa mente? Sim, posso duvidar de tudo - ensina Descartes - menos de uma coisa: não posso duvidar que duvido! Ora, se duvido, penso; se penso, existo, daí a fórmula consagrada: *Cogito ergo sum* (“Penso, logo existo”, na tradução canônica para o português, embora a literal fosse “penso, portanto sou”) ... Se existo, resta a mim restabelecer tudo o mais que existe. Tudo aquilo que eu havia colocado em dúvida será restabelecido como verdade a partir do meu próprio intelecto. Para tanto, Descartes propõe um método racional para conhecer o mundo, que os franceses chamam de “método dedutivo”. *Regras para direção do espírito* apresenta as sugestões de Descartes para o bom funcionamento desse método científico.

Para enfrentar o atual ambiente de “pós-verdade”, penso, em que todos os valores e verdades estabelecidas são questionados, mesmo os que acreditávamos serem cientificamente inquestionáveis - como o papel das vacinas, a forma do planeta terra e sua órbita, o valor da vida, a proteção social aos mais frágeis etc - é preciso acionar “regras para a direção do espírito” que nos conduzam e nos resgatem a humanidade. E a literatura tem um papel importante nisso aí. É o que nos diz Antonio Candido, cujo legado humanista é uma bússola imprescindível, que vai nos ajudar a atravessar este mar bravio contemporâneo.

Em 1988 Antonio Candido proferiu a palestra **Direito à literatura** em um encontro sobre Direitos Humanos, promovido pela Comissão de Justiça e Paz da Igreja Católica, na qual defendeu o acesso à literatura como um direito humano inalienável. Ao discorrer sobre a capacidade de fabulação dos seres humanos, segundo ele infinita e universal, Candido enumerou os benefícios da fruição da arte. O ambiente de pós-verdade atual é uma espécie de antídoto ao que foi enumerado por Candido naquela ocasião, uma tentativa sistemática de negar o seu legado humanista. Enquanto para Candido a ficção nos permite imaginar um novo mundo, melhor que este, o darwinismo social dos nossos dias tem levado 1) ao o



### **Building the way**

embotamento do “exercício da reflexão”, 2) à diminuição da “aquisição do saber”, 3) ao raquitismo da “boa disposição para com o próximo”, 4) ao fim do “afinamento das emoções” e à reversão da 5) “capacidade de penetrar nos problemas da vida”, 6) do “senso de beleza”, 7) da “percepção da complexidade do mundo dos seres” e do 8) “cultivo do senso de humor”. Todos esses atributos entre aspas que estão sob ataque foram elencados por Candido na palestra citada como desdobramentos naturais de quem exerce seu direito à literatura.

105

Em 2012, Antonio Candido foi homenageado pelo CEUPES - Centro Universitário de Pesquisa e Estudos Sociais. Flávio Aguiar estava entre os palestrantes. Ele iniciou contando que presenciou em Berlim, em maio daquele ano, uma cerimônia que lembrava os 79 anos da queima de livros “decadentes” promovida por Hitler em 1933. O ato nazista havia sido organizado pelo centro acadêmico da época, com o apoio da direção e de professores da faculdade de direito, e com a presença de 70 mil pessoas, na então Praça da Ópera (hoje praça Bebel). Entre as vítimas deste holocausto intelectual, autores como Freud, Marx, Thomas Mann, Walter Benjamim, Rosa Luxemburgo, Kafka, Stefan Zweig, Erich Maria Remarque, Ricarda Huch, Heinrich Heine, Bertolt Brecht, Heinrich Mann e Robert Musil.

Após apresentar as práticas essenciais da humanidade, relacionadas ao “direito à literatura”, propostas por Antonio Candido, Flávio Aguiar elencou a contrapartida fascista que floresceu na Alemanha dos anos 1930. Qualquer semelhança com a realidade atual não é mera coincidência. Na verdade, ele foi profético. Segundo Aguiar, o que tinha por trás da ação dos nazistas ao queimar livros era 1) a negação da reflexão como estratégia de dominação, 2) a satisfação com a própria ignorância e a dor dos outros, 3) o embrutecimento das emoções, 3) o ódio ou desprezo pelo próximo na sua noção individual e coletiva, 4) a capacidade de fugir ou negar os problemas da vida através de fantasias fanatizantes, 5) a fixação de um único ideal de beleza, narcisista, e a destruição dos demais como decadentes ou impuros, 6) a manipulação fanática do mundo dos seres, de forma maniqueísta e autocomplacente, 7) o cultivo do ressentimento e do amargor e 8) a confusão do humor com o sarcasmo.

Como se vê, a pós-verdade tem história, mas não é a ela que se referia Candido quando falava da capacidade de fabulação como uma característica universal do ser humano. Assim como todo homem tem a faculdade do sonho, todo homem tem o pendão de fabular, seja por meio da arte erudita (como a literatura, o

### **Building the way**

cinema e o teatro), seja por meio da arte popular, como as narrativas orais, as dramatizações nas festas religiosas e profanas, no carnaval, no samba-enredo, no samba-canção e até nos chistes. Candido entende que o acesso e cultivo da arte de fabular pela literatura deve ser fundamental, indispensável e um direito inalienável do ser humano. Mais que um direito inalienável, o direito à literatura para Candido, explica Aguiar, é um “direito primevo que abre o pensamento para outros mundos possíveis e isso é o começo da transformação desse mundo. Sim, porque na “fabulação olhamos o mundo e a nós mesmos com os olhos de outrem, abrindo o espírito para o processo de transformação”. Conseguir fruir a literatura é uma conquista individual e um patrimônio coletivo. “Portanto, a luta pelos direitos humanos inclui a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura”, conclui Candido (AGUIAR, 2012).

Não há outra maneira de enfrentar a pós-verdade.

### **Memórias do subdesenvolvimento**

*Memorias del subdesarrollo* foi originalmente lançado em 1965 (Havana, Ediciones Unión) e adaptado para o cinema por Tomás Gutiérrez Alea três anos depois (Desnoes assina o roteiro, ao lado de Alea). O filme, homônimo, teve grande sucesso internacional, o que fez com que o livro fosse traduzido para muitos idiomas. Mas faltava uma edição em português. Essa lacuna foi preenchida pelo Memorial em 2008, ano em que lançou *Memórias do subdesenvolvimento*, com tradução e apresentação de Elen Döppenschmitt<sup>5</sup>.

O romance *Memorias del subdesarrollo* está estruturado na forma de um diário íntimo. Este diário foi escrito por um narrador em crise existencial em plena Cuba revolucionária. O ano é o de 1961, quando o regime já havia se anunciado comunista e se iniciava o embargo econômico à ilha, promovido pelos Estados Unidos. O autor do diário é um homem intelectualizado de 39 anos nascido em uma família rica. Todos do seu meio social, seus pais e até a sua mulher fogem para Miami, mas ele decide ficar, não por motivos ideológicos, mas por inércia, por não ter forças para agir. No fundo, ele tem curiosidade intelectual, quer testemunhar o que estava

---

<sup>5</sup> Elen Döppenschmitt é também autora do livro *Políticas da voz no cinema em Memórias do subdesenvolvimento*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2012.



### **Building the way**

acontecendo. O clímax do livro é em outubro, quando paira sobre todos a ameaça de destruição nuclear durante a Crise dos Mísseis.

Desnoes só viria a escrever um segundo romance 40 anos depois, quando o autor já morava em Nova York, para onde se mudara em 1977. O trabalho se chamou *Memorias del Desarrollo* e foi concebido para ser uma espécie de contraponto ao primeiro livro. A obra foi lançada pela editora espanhola Mono Azul, em 2007, e permanece inédita em português. Nela, “o autor-personagem volta a narrar suas vivências e tecer suas críticas [dessa vez aponta as contradições do desenvolvimento] agora exilado nas montanhas dos Estados Unidos que o acolheram, só e deslocado” (DESNOES, 2009, p. 9). O cineasta cubano Miguel Coyula adaptou-o para o cinema em 2010. A película foi exibida no Festlatino – Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo daquele ano.

Finalmente, em 2009, o Memorial da América Latina publica de Desnoes o epílogo da história do intelectual que fica em Cuba na primeira fase da revolução e depois vai para os Estados Unidos, bem como o roteiro da sua adaptação para o cinema (escrito por Desnoes e o também cubano Lorenzo Regalazo). Sob o título *Agora é minha vez*, o livro é uma espécie de acerto de contas entre dois destinos separados pela história. Desnoes imagina o intelectual auto-exilado nos EUA recebendo a visita inesperada de uma filha que ele não sabia que tinha e que havia ficado em Cuba. Ela está escrevendo um diário, como o autor-narrador do primeiro livro.

O diário de Natália, a filha de Edmundo, encarna a vida de um homem que viveu e desfrutou da intensidade intelectual e emocional de uma revolução no poder, e de uma mulher que sofreu o fracasso do projeto socialista em Cuba. Me interessa a encarnação da história no corpo e a experiência de um velho e uma jovem. Pai e filha revivendo um sonho até quase consumir o incesto (DESNOES, 2009, pp 13, 14).

*Memórias do subdesenvolvimento* é um romance sobre um momento único na história de um país, aquela fase em que o velho estado de coisas já morreu, mas o novo ainda não nasceu ou está nascendo. O ponto de vista e o foco narrativo possibilitam que o narrador comente as vicissitudes da revolução sem cair na chatice de um tratado econômico ou político-social. Só a ficção permite isso, pois o cinema não acessa as reflexões da personagem ou, pelo menos, não o faz tão

### **Building the way**

profundamente, sob o risco de virar um tratado psicológico audiovisual. Já o romance fala “sobre seres e episódios que não pertencem ao mundo da realidade; e que, no entanto, por curioso mecanismo, parecem dar o mais autêntico testemunho da realidade contemporânea”, ou seja, mesmo o “romance mais extremamente subjetivo, de uma maneira mais ou menos tortuosa ou sutil nos dá um testemunho sobre o universo em que seu personagem vive” (SÁBATO, 1985, pp 9 e 17).

É o que Desnoes faz. Cuba havia acabado de se declarar socialistas – era o ano de 1961 – e os EUA começaram o boicote ao país. Isso aparece de forma sutil no livro, como nesta passagem:

Precisava de um pente de bolso. O meu quebrou quando me senti no ônibus. Tinha as duas metades no bolso junto ao lenço. Lembro-me bem porque, várias vezes, tentei tirá-lo para me pentear e tive vergonha de mostrar um caquinho de pente. Perguntei em várias lojas e me disseram “não tem”. Entrei nas típicas lojas “1,99” e também não, “acabou”. Nossa! Para se viver, como fazem falta coisas tão estúpidas! (DESNOES, 2008, p. 13).

Para além da questão político-econômica, um simples detalhe descritivo nos remete para o interior da sociedade não só cubana da época: nas décadas de 50 e 60 do século XX era comum o homem urbano, para manter a aparência, andar com um pente e um lenço de pano no bolso, costume esse que praticamente desapareceu. Desnoes continua nos dando pistas do que se passava em Cuba na época:

Nestes dias não há refrescos. Nunca pensei que a produção de refrescos pudesse parar por falta de rolha para as tampas das garrafas [...] eu jamais pensei que um país necessitasse de tantas coisas insignificantes para funcionar sem que se visse os nós. Agora tudo se vê, vivemos pendurados diante do abismo; a quantidade quase infinita de detalhes que é preciso controlar para que tudo flua com naturalidade é sufocante. O pior castigo imposto seria o de preparar, averiguar como se diz, uma lista de todas as coisas por comprar nos países comunistas, agora que os Estados Unidos não dão nem dizem onde estão (DESNOES, 2008, p. 14).

O narrador em primeira pessoa é um burguês intelectualizado, acostumado às benesses do antigo sistema. Ele não tem ideia de como era a vida da grande maioria da população, nem tem condições intelectuais e psíquicas para entender o

### **Building the way**

que está acontecendo com a classe trabalhadora do seu país naquele momento revolucionário.

Desde que El Encanto queimou, a cidade não é a mesma. Havana parece agora uma cidade do interior: Pina Del Río, Artemisa ou Matanzas. Já não parece a Paris do Caribe como diziam alguns turistas e as putas. Agora se parece mais a uma capital da América Central, uma dessas cidades mortas e subdesenvolvidas, como Tegucigalpa ou San Salvador ou Manágua. Não só porque destruíram El Encanto e há poucas coisas boas para comprar nas lojas, poucos artigos de consumo de qualidade. As pessoas que agora andam pelas ruas são humildes, vestem-se mal, compram tudo que veem mesmo que não precisem. Agora têm um pouco de dinheiro e gastam com qualquer coisa; pagam, meu Deus, até 20 pesos por um penico se está na vitrine. Nota-se que nunca tiveram nada de bom. Todas as mulheres parecem empregadas e todos os homens operários. Não todas e todos, quase todas e todos (DESNOES, 2008, pp. 14, 15).

A grande sacada do livro é este viés. O ponto de vista da antiga classe rica permite explorar a alienação dos dominadores. Como o personagem narrador enfrenta ao mesmo tempo uma crise pessoal, ele pode desenvolver uma reflexão original sobre o processo de transformação daquela sociedade. A desilusão com seus iguais, o niilismo, o vazio existencial, a curiosidade, a pulsão pelo desconhecido e o desejo do outro levam-no a uma jornada interior que “nos dá um testemunho sobre o universo em que seu personagem vive”.

O livro virou filme. E a produção cubana de 1968, *Memórias do subdesenvolvimento*, dirigida por Alea, fecundou o romance original. Isso porque, ao escrever novas cenas para a película, Desnoes percebeu que elas ficariam muito bem em seu livro, como explica a tradutora Elen Döppenschitt. “Estas [as novas cenas] exerceram sobre o escritor o efeito de complementação e releitura da obra original”, o que fez com que ele as acrescentasse nas próximas edições, entre elas, o “trecho sobre a visita de Elena à casa de Hemingway e algumas considerações finais sobre a Crise de Outubro” (DESNOES, 2008, p. 7).

Ao acrescentar ao livro cenas do filme escritas por ele mesmo e filmadas por Alea, Desnoes confirmou uma tendência que o romance original já apresentava. O personagem-narrador de *Memórias do subdesenvolvimento* tinha veleidades artísticas. Ele escrevia contos. Há um episódio até que ele participa de um debate literário. Os debatedores eram Alejo Carpentier e o próprio Edmondo Desnoes. Os

### **Building the way**

contos citados no romance realmente existem e podem ser encontrados no final do livro editado pelo Memorial. São eles “Jack e o motorista”, “Acredite se quiser”, “Yodor” e “What can I do?”. Segundo Döppenschmitt, “a obra que se supõe ter sido escrita por um autor que é personagem acaba interferindo no mundo narrativo, reconstruindo-o” (DESNOES, 2008, p. 8).

*Agora é minha vez*, do mesmo Desnoes, é um epílogo do *Memórias do desenvolvimento* (inédito em português). O texto funciona autonomamente e pode ser lido como mais um conto escrito pelo narrador das duas Memórias. Agora morando nas “montanhas do norte dos EUA” e já velho, o narrador cubano vive sozinho, depois de uma longa carreira como professor universitário. De poucos amigos e sem problemas financeiros, ele é surpreendido pela visita de uma filha que ignorava ter. Sem saber, havia deixado sua mulher grávida quando decidiu abandonar a ilha. Esse reencontro se dá justamente no dia do atentado contra as torres gêmeas de Nova York, que é visto na televisão, ligada sozinha na sala.

Natália, a filha de vinte e poucos anos, saíra recentemente de Cuba. Havia então experimentado no corpo todo o processo socialista, era uma autêntica filha da revolução. Os diálogos entre pai e filha são tocantes por um lado, e cortantes por outro. Em certo momento, ela diz

Você não estava do meu lado quando mais precisei de você. Eu não queria ser como o Che, você sabe qual era o meu sonho durante toda a minha infância? E agora não vá rir de mim. Eu queria ir com você à praia e que você fosse comigo bem fundo, me levando montada nos ombros (DESNOES, 2009, p. 34).

Ao que o velho responde

Eu nunca tive a ilusão do homem novo. A intensidade da revolução existe só no presente. Nada no futuro. Minha geração, nós somos sobreviventes, vocês são náufragos. Uma geração órfã de ilusões, obrigada a viver o sonho dos outros...Não posso viver pensando que tenho que adoecer para descobrir que temos grátis o melhor serviço médico do mundo. A maior ironia é que minha geração inventou que estava sacrificando-se para criar um mundo livre de alienação, enquanto vivia intensamente a revolução. Sua geração é a mais sacrificada, alienada e quase sem oportunidades. Nosso mundo parecia infinito, mas vocês vivem em um mundo sem horizontes. Você

### **Building the way**

não deveria gostar de mim, você deveria me rejeitar (DESNOES, 2009, p. 34).

111

As palavras do velho cubano, exilado nos EUA, sobre a sua juventude e a intensidade da revolução, em contraste com a alienação da geração seguinte, parecem ser confirmadas pelos estudos do antropólogo João Felipe Gonçalves, ao fazer uma crítica à esquerda ao regime cubano. É como se ele fizesse uma pesquisa etnográfica com a geração dos netos de Desnoes. Em 2016 Gonçalves escreveu o artigo *O presente dura muito tempo. Percepções populares das mudanças em Cuba* para a revista *Nossa América*. Nele, o autor expõe sua percepção de que a maioria dos cubanos, incluindo os que vivem na Flórida, acham que nada muda na ilha e que, ao mesmo tempo, tudo está em decadência. Esta atmosfera de “continuidade” e “decadência” simultânea é dividida por ele em duas categorias, por meio das quais tenta explicar empiricamente e através de um discurso racional o que as narrativas de Desnoes apresentam com arte e sentimento. Gonçalves separa os cubanos entre os adeptos do “grande antes” e os adeptos das “dificuldades permanentes”. São dois grupos presentes tanto na ilha quanto em Miami. Para os primeiros, nada de bom aconteceu depois de 1959 (ano da Revolução Cubana); para os segundos, que incluem os defensores do regime, é preciso seguir na luta e as dificuldades são permanentes.

Em suma, há boas razões que justificam a visão popular de persistência e decadência prevalecente hoje em Havana, mas essa visão tem raízes também nas formas de imaginar o tempo e a história que têm predominado em Cuba há muitos anos [...] Assim, as duas narrativas que predominam há décadas em Cuba - a do grande antes e a das dificuldades permanentes - fornecem o contexto simbólico em que as mudanças atuais no país são popularmente entendidas - ou melhor, minimizadas e criticadas. Por um lado, a narrativa do grande antes torna pequenas e superficiais todas as transformações históricas ocorridas em Cuba desde a consolidação do socialismo, inclusive as de hoje em dia. Por outro lado, a narrativa das dificuldades permanentes permite ver as mudanças atuais de forma unilateralmente negativa e crítica. Como afirmei acima, isso não quer dizer que a dupla percepção de permanência com decadência seja falsa ou imaginária. Ela tem bases muito concretas na realidade cubana contemporânea. Contudo, qualquer mudança histórica em qualquer lugar, é apreendida por esquemas culturais preexistentes, que enfatizam alguns aspectos e obscurecem outros. No caso em questão, as narrativas cubanas anteriores predisõem a visão de

## **Building the way**

continuidade combinada com declínio e impõem sérios limites à imaginação de mudanças fundamentais e para melhor.<sup>6</sup>

É provável que Desnoes concordasse com essas afirmações, mas a colocasse nos pensamentos de um personagem deslocado, inadaptado ao seu próprio mundo, e que vivesse um íntimo pungente. A narrativa ficcional escrita permite essas reflexões e, ao mesmo tempo, explora o contraditório e outras possibilidades. O leitor atento lê, avança, para, pensa, volta a ler, reflete, relê, descansa, continua depois, pesquisa e aprofunda um tema, volta ao texto, enfim, as possibilidades de fruição literária são muito ricas e podem incrementar não só a relação com o universo fictício criado por Desnoes, como também a reflexão sobre a ousada ilha caribenha.

O professor do Departamento de Antropologia, da FFLCH, João Felipe Gonçalves defende ainda a ideia que em Cuba não há mudança no horizonte, mesmo com a morte de Fidel Castro. Ele acompanhou o longo cortejo fúnebre do corpo do líder revolucionário através do país, até a cidade de Santiago. Sob o título “Revolução da continuidade”, ele escreveu um novo artigo para a revista *Nossa América*, que não pode ser publicado por ordem de instâncias superiores à redação.

Assim, em contraste com as expectativas de grande parte do mundo externo de que o desaparecimento de Fidel Castro significaria ou provocaria uma grande mudança em Cuba, para a grande maioria dos habitantes da ilha estava bem claro que nada mudara nem estava por mudar. Isso não se deve apenas à performance de continuidade e de poder que os funerais representaram, mas também a uma noção de tempo histórico predominante em Cuba que inibe a imaginação de mudanças efetivas. Como expliquei mais detalhadamente em artigo anterior em *Nossa América* (n. 53, 2016), essa temporalidade tem origens na ideologia estatal – incansavelmente reiterada em escolas, em cartazes e na imprensa – que representa o governo revolucionário como repetidor das lutas nacionalistas do século XIX e afirma 1959 como o único grande divisor de águas da história cubana, o mítico momento que separa um “antes” de um “depois”. Essa noção de tempo, em que a repetição e a continuidade prevalecem sobre a ruptura, contrasta com aquela predominante no mundo capitalista, que imagina a mudança constante como base do tempo e da história, que nos predispõe a ver transformações em todas partes, e que explica em parte a ansiedade global por enxergar sinais de ruptura em fatos que para a maioria dos habitantes da ilha são irrelevantes.

<sup>6</sup> GONÇALVES, João Felipe. *O presente dura muito tempo. Percepções populares das mudanças em Cuba*. Fundação Memorial da América Latina. Revista *Nossa América* n. 53, pp 52 a 60. <https://biblioteca.sophia.com.br/6350/> Acessado em 19 de janeiro de 2021.



## Building the way

113

A história social de um país pode ser analisada a partir da sua produção ficcional. Os romances de Desnoes mostraram as contradições de Cuba e dos EUA. No caso do Brasil, em 2012 Marçal Aquino publicou *O invasor*, romance que também virou filme nas mãos do cineasta Beto Brant. A obra se tornou profética, anunciava as mudanças sócio-políticas atuais. Escrito em linguagem seca, concisa e jornalista, o enredo se dá em torno de dois sócios minoritários de uma construtora que resolveram matar o próprio sócio majoritário porque ele se negava a participar de concorrências de cartas marcadas, pegar obras estatais e ser obrigado a entrar em negociatas.

Os sócios se arriscam até a periferia inóspita para contratar um matador de aluguel. Como nos livros de Desnoes, *O invasor* é narrado em primeira pessoa por uma personagem vacilante, em crise com o seu meio social. Trata-se de um empresário arrependido, em uma sociedade capitalista sem escrúpulos. Ivan é seu nome. Quando decide abandonar a aventura de aumentar a acumulação capitalista da sua empresa por meio da violência, fica claro que não há mais lugar para Ivan naquele cenário de capitalismo periférico, crise econômica permanente, desindustrialização e aumento da pobreza.

Já no segundo parágrafo este panorama nos é apresentado. “Estacionei perto do que parecia ser uma fábrica abandonada, um galpão enorme e cinzento, com as paredes pichadas e vitrôs com vidros quebrados” (AQUINO, 2002, p. 7). Estavam num antigo distrito industrial, hoje decadente. As indústrias abandonaram a cidade ou fecharam as portas. Uma massa de trabalhadores não teria mais onde trabalhar. Anísio, o assassino de aluguel, nasce desse meio. Como ele, há muitos outros. Enquanto na sociedade socialista cubana, havia a percepção de continuidade com decadência, segundo Gonçalves, na sociedade capitalista brasileira, apresentada por Aquino, a percepção é a do triunfo da barbárie. As classes sociais estão bem delimitadas. De um lado, o povão. “Dá só uma olhada no povo desse bar: tudo cara fodido, de pele manchada, cabelo ruim, faltando dente, unha preta. Qualquer um é capaz de dizer que vocês não são daqui” (AQUINO, 2002, p.9). E do outro, as classes dirigentes, que se reproduzem com facilidade. “Sempre foi assim, eu falei. Quando saímos da faculdade, Estevão usou o dinheiro da família para abrir a construtora. Como éramos muito amigos, ele nos deu uma parte na sociedade e nós entramos com o trabalho” (AQUINO, 2002, p.11).

### **Building the way**

Enquanto a luta de classes não é travada, o autor chega às últimas consequências do avanço do capitalismo. Para os engenheiros e empresários que tramam a morte do sócio, o cenário começa a ruir quando o matador de aluguel resolve exigir seus direitos e participar da mesa dos patrões. Anísio faz isso com naturalidade. O romance de Aquino descreve a promiscuidade entre o mundo dos ricos e as milícias que eles mesmos formam para se proteger - que inclui soldados do exército, policiais militares, seguranças particulares e milicianos. Este é o caldo de cultura que levou ao poder central no Brasil, atualmente, a extrema direita darwinista social. Após assassinar o sócio majoritário e sua esposa, o matador irrompe na empresa. Por ser de origem pobre, ele é o invasor de um espaço para o qual ele não foi convidado. Alheio a isso, Anísio se auto nomeia chefe da segurança e seduz a filha do casal que ele eliminou. Com a morte dos pais, ela havia se tornado herdeira da construtora. O invasor passa a dar as cartas.

Tomados em conjunto, os três romances fazem uma reflexão sobre a sociedade latino-americana a partir de meados do século XX. Estão lá os experimentos sociais e socialistas - que se concretizou em Cuba, mas atravessou todo o subcontinente, com diferentes graus de sucesso e fracasso - até chegar ao ambiente que permitiu proliferar a erva daninha neoliberal e seu apanágio, atualmente no poder no maior de todos os países latino-americanos.

### **Recepção do romance**

Nesta era de infernal parafernália eletrônica, de eterna conexão, e de infinita informação virtual - tudo na intimidade acessível do celular - é urgente voltar a distinguir a fantasia da realidade. E, paradoxalmente, para isso a ficção desempenha um papel fundamental. “Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade”, diz Candido na palestra já referida, pois “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”. Para isso, é indispensável que a Educação procure esse objetivo sem cessar num subcontinente de analfabetos funcionais, como a América Latina.

Paradoxalmente, o próprio universo computacional está criando um novo circuito literário na web. Séries de televisão e cinema arrebatam seus fãs, a tal ponto que eles se tornam “seguidores” fiéis em suas *fanpages*, que procuram interagir com

### **Building the way**

o objeto amado através do desenvolvimento de histórias escritas que “continuam” a vida dos personagens preferidos; ou então criam novos personagens e enredos no universo do qual são adoradores; e até - cúmulo dos cúmulos - misturam universos, criam novos personagens para eles e escrevem histórias sem fim. Estamos aqui no universo do entretenimento, mas, segundo Italo Moriconi, “todas as entradas para a literatura são válidas. O que importa é entrar” (PROSE, 2006, p.11).

115

Começamos a querer informação, entretenimento, invenção, até verdade e beleza. Concentramo-nos, lemos por alto, saltamos palavras, pomos o livro de lado e devaneamos, recomeçamos e releemos. Terminamos um livro e voltamos a ele anos depois para ver o que nos pode ter escapado, ou as maneiras como o tempo e a idade afetaram nossa compreensão (PROSE, 2006, p.17).

Tendo como substrato este fenômeno de seguidores que escrevem a continuação de suas séries e filmes preferidos, que pegam um aspecto ou personagem e o exploram, Mariconi acredita que daí pode sair não propriamente bons escritores, mas leitores atentos, conforme ele escreveu na introdução do livro *Para ler como um escritor*, de Francine Prose:

Está surgindo a graduação em criação literária no Brasil. Já não era sem tempo. E já não era sem tempo principalmente porque estamos também vivendo um surto literário muito forte, já desde os anos 90 do século passado, com a explosão de sucessivas ondas geracionais tanto de prosadores quanto de poetas. Temos a geração 90, a geração 00, os circuitos literários na internet - que são hoje mais importantes como consolidadores de público leitor qualificado que o próprio circuito tradicional dos suplementos culturais e literários nos jornais impressos. Atualmente, a tendência é que o jornal impresso sirva para divulgar os nomes dos novos autores, que são tratados como celebridades, ao passo que o público efetivamente interessado em ler o que esses autores estão escrevendo já nem sequer acompanha os jornais e se informa basicamente pelos sites e blogs. (PROSE, 2006, pp. 9 e 10)

A questão passa a ser então a qualidade desses leitores. Se o excesso de informação sem curadoria está na intimidade do celular ao alcance da mão e vem amarrado a uma série de aplicativos armadilhas com desenvolvida técnica de captura da atenção, é preciso um recuo. É tempo de pular fora da bolha digital e retomar uma atividade que ao longo da história da humanidade nos humanizou cada vez mais - o

### **Building the way**

simples ato de ler a boa ficção. Para Bosi, com Parreyson, a arte do romance (assim como as demais artes) só se completa quando se realiza fenomenologicamente ou se atualiza no leitor. Segundo ele, a literatura sempre será interpretação e, por isso, estará em permanente formação e renovação, como indica o fenômeno do novo circuito literário na internet. Os livros de Desnoes demonstram isso também, pois o autor se coloca como leitor e, posteriormente, modifica a sua própria obra.

116

A leitura não é um simples perder-se na literatura, uma vez que ler é atividade intensa, intervenção atenta e consciente da totalidade da personalidade, espiritualidade e cultura do leitor. Segundo Luigi Parreyson, é sentir e pensar ao mesmo tempo, gozo e juízo, do mais espontâneo ao mais elaborado. A leitura avança estimulada pelo gozo e excitada pelo juízo. A leitura procura incrementar o gozo inicial. Nesse percurso é constituída pela vivacidade do pensamento e exercício do juízo. Por isso só ela pode nos restituir um pouco o chão para seguir em frente pisando na direção que nos humanize outra vez.

Falando das linguagens artísticas em geral, e não apenas da literatura, Bosi se pergunta qual é o ser da arte enquanto modo do homem se relacionar com o universo e consigo mesmo em um processo totalizante que o exterioriza (altera o mundo) e o condiciona ao mesmo tempo. Desde os antigos gregos se discute a relação entre arte e realidade, seja ela natural, histórica ou psicológica. Pode-se afirmar que a obra de arte, em sua gênese, carrega um ato de percepção ou de memória de um momento vital para a consciência do artista/escritor. Sensações, imagens, afetos e ideias são momentos internos que o artista/escritor usa para criar um mundo de sentido figurado, pensado e cognitivo. Bosi diz que “tudo está em compreender melhor o modo pelo qual a intencionalidade poética apreende e penetra o que Dante chamou ‘o grande mar do ser’” (BOSI, 1986, p. 27). Esta é a leitura que nos falta na contemporaneidade. Cabe ao leitor, de alguma forma, refazer este itinerário. Esta é uma tarefa imprescindível, pois, conforme Candido, “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza”.

Nada melhor que a literatura para isso. Sábato, falando do que ele chama de romance total, afirma “o destino definitivo deste gênero é o de dar uma visão totalizadora, desempenhando, por sua vez, o papel que, em outro tempo, tiveram a narrativa e a epopéia, o mito e a poesia, as confissões e o ensaio” (SÁBATO, 1985, p

### **Building the way**

20). É onde queremos chegar. Na visão de Bosi, os artistas são mediadores ou comunicadores para os quais o gênero ou estilo não é um *a priori* da criação artística. O gênero é um repertório útil, mas não vinculante ou cristalizado. Esse modo de ver desconsidera a sensibilidade do artista, seu pensamento crítico e sua necessidade interior. Em uma palavra, a intuição artística. Bosi cita a frase de Kandinsky, usada como epígrafe do seu livro, para resumir o que ele pensa: “Todos os procedimentos são sagrados quando interiormente necessários” (BOSI, 1986, p. 65).

Isso quer dizer que no mundo contemporâneo, a literatura tem uma missão espiritual. Não é arte pela arte. Bosi critica a tendência neo-formalista, que retoma os vícios de classificação da antiga retórica. Para ele as análises que tratam da dissolução ou fusão de gêneros, do romance polifônico (narrativo-lírico-dramático-discursivo), da dita carnavalização dos gêneros antigos, da intertextualidade – todas elas são explicações ou teorias que logram confundir a potência criadora do poeta, sua fantasia anímica, com certo intelectualismo, como se o criador contemporâneo só quisesse montar uma espécie de máquina de citações, alusões e paródias.

### **Irredutibilidade, exclusividade e transcendência**

Quando tudo pode ser mentira, nada pode ser verdade, nem ninguém sabe onde ela se refugia. Vimos até aqui que vivemos em um mundo embrulhado numa camada de pós-verdade, que não é inocente ou casual, mas foi criada para aprofundar a manipulação e aprofundar a exploração capitalista. Diante da pergunta sobre o sentido da literatura em um mundo mergulhado na tecnologia da informação, no qual o tato e o contato com a realidade parecem se distanciar, a resposta pode ser anunciada e resumida pelo “direito à literatura” pregado por Antonio Candido.

Para demonstrar o papel fundamental que o romance pode desempenhar para se conhecer e reconhecer com exclusividade a realidade latino-americana apontei alguns aspectos de dois romances cubanos e um brasileiro, “pois se em qualquer lugar do mundo é duro sofrer o destino do artista, aqui é duplamente duro, pois além disso sofremos o angustiante destino do homem latino-americano” (SÁBATO, 1985, p 10). Uma leitura rápida deles deixa evidente como transcendem o tempo presente e o espaço imediato. Enquanto a vida e os homens são impossíveis de se conhecer plenamente, pois são inesgotáveis e mudam até o fim, a arte do romance possibilita ao leitor se sentir no controle. Ele tem a ilusão que conhece o

### **Building the way**

destino dos personagens. Com isso, através do mecanismo de identificação, escolhe para si o vislumbre de nova realidade e o horizonte da esperança. Antonio Candido apresenta esta ideia de maneira extremamente feliz.

O *Homo fictus* é e não é equivalente ao *Homo sapiens*, pois vive segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, mas numa proporção diferente e conforme avaliação também diferente. Come e dorme pouco, por exemplo; mas vive muito mais intensamente certas relações humanas, sobretudo as amorosas. Do ponto de vista do leitor, a importância está na possibilidade de ser ele conhecido muito mais cabalmente, pois enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romance nos leva para dentro da personagem, “porque o seu criador e o narrador são a mesma pessoa (CANDIDO, 2014, p. 63, 64).

Em face do “mistério essencial da existência, pela dualidade do espírito e pela opacidade que inevitavelmente têm os seres viventes” (SÁBATO, p. 25), a literatura nos oferece a exclusividade de um conhecimento inigualável, afinal, “o romance de hoje se propõe fundamentalmente a uma indagação do homem, e, para consegui-lo, o escritor deve recorrer a todos os instrumentos que forem necessários, sem preocupar-se com a coerência ou unicidade, empregando às vezes um microscópio e outras vezes um aeroplano (SÁBATO, 1985, pp 19 e 25). Ou, como diria Candido, ao comentar a exclusividade da literatura.

De fato, dada a circunstância de ser o criador da realidade que apresenta, o romancista, como o artista em geral, domina-a, delimita-a, mostra-a de modo coerente, e nos comunica esta realidade como um tipo de conhecimento que, em consequência, é muito mais coeso e completo (portanto mais satisfatório) do que o conhecimento fragmentário ou a falta de conhecimento real que nos atormenta nas relações com as pessoas. Poderíamos dizer que um homem só nos é conhecido quando morre” (CANDIDO, 2014, p. 64).

Conforme assinalado por Bosi, a literatura transcende um jogo de palavras. Trata-se de uma luta visceral entre o criador e a criatura que visa “despertar o homem que viaja rumo ao patíbulo”, pois as obras da imaginação, “que falam ao coração pelo sentimento, possuem uma vida eterna e não têm necessidade de uma síntese imutável para viver” (SÁBATO, 1985, p.22, 24).



### **Building the way**

Um dos aspectos que distingue a literatura de todas as outras linguagens artísticas é a riqueza incomparável das personagens literárias, que “surgem do coração do escritor, mas podem superá-lo em bondade, em sadismo, em generosidade, em avareza. Todos os personagens de um romance representam, de alguma maneira, seu criador. Mas todos, de alguma forma, o traem” (SÁBATO, 1985, p. 95). O grande barato de ler um romance talvez seja justamente tentar entender e seguir as transformações pelas quais passam os personagens. Para isso é necessário explorar seu mundo interior. Esse é um aspecto irreduzível às outras linguagens artísticas. Paulo Emílio Salles Gomes compara os personagens da literatura e do cinema da seguinte forma:

A personagem de romance afinal é feita exclusivamente de palavras escritas, e já vimos que mesmo nos casos minoritários e extremos em que a palavra falada no cinema tem papel preponderante na constituição de uma personagem, a cristalização definitiva desta fica condicionada a um contexto visual. Nos filmes, por sua vez, em regra generalíssima, as personagens são encarnadas em pessoas. Essa circunstância retira do cinema, arte de presenças excessivas, a liberdade fluida com que o romance comunica seus personagens aos leitores. [...] Essa definição física completa imposta pelo cinema reduz a quase nada a liberdade do espectador nesse terreno (CANDIDO, 2014, p 111).

Sim, não teria sentido se bastar com a narrativa cinematográfica no lugar do romance, o que é uma tendência atualmente devido ao predomínio das artes audiovisuais e do entretenimento comercial. É preciso não esquecer que

Estas tentativas seriam grotescas se não fossem mortais. Pois a intenção de escrever romance que se pareça ao cinema é algo assim como se um submarino, subjugado pelo prestígio da aviação, conseguisse dar pulinhos fora d'água mediante a ajuda de uma hélice e um par de aletas. Suas ridículas façanhas nos fariam sorrir com terna ironia, considerando que esse submarino, em vez de descer às profundezas oceânicas, onde é rei e senhor, tentasse em vão copiar aparelhos que se propõem a outros fins, que têm outras possibilidades, mas também outras limitações (SÁBATO, 1985, p. 34).

Por fim, como vimos, a literatura não é redutível ao cinema, nem a qualquer outra linguagem. A sua exclusividade vem do fato que a sua leitura exige uma atualização do ser do autor e do fruidor. E este é um processo humano que transcende

### **Building the way**

a esfera artística e nos humaniza. Nesta era sem referências que vivemos, o “direito à literatura” é inalienável, pois a literatura segue sendo o norte.

## **REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Flávio. *O direito à literatura e a emancipação humana: uma homenagem a Antonio Candido*. Palestra proferida em 2012. Acesso em 23 de janeiro de 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=ErEGFGhgJ7M&t=740s>

AQUINO, Marçal. *O invasor*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BOSI, Alfredo. *Entre a Literatura e a História*. São Paulo: Editora 34, 2013.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura IN *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

DESNOES, Edmundo. *Memórias do subdesenvolvimento*. São Paulo: Memorial da América Latina, 2008

DESNOES, Edmundo. *Agora é minha vez*. São Paulo: Memorial da América Latina, 2009

GONÇALVES, João Felipe. *O presente dura muito tempo. Percepções populares das mudanças em Cuba*. Fundação Memorial da América Latina. Revista Nossa América n. 53, pp 52 a 60. <https://biblioteca.sophia.com.br/6350/>

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da Estética*, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

PROSE, Francine. *Para ler como um escritor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006

SÁBATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1985.

SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

SCHWARTZ, Jorge (Organizador). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.